

PM. Serviço de emergência

3 DEZ 1991
Fernando Olinto Henrique
Fernandes *

A pós um ano e meio de governo Collor, a saúde do Brasil vai mal e a saúde no Brasil pior ainda. Acusaram os médicos de serem péssimos administradores da rede pública e os campeões do corpo mole, característica histórica do serviço público. Não se analisou, porque não interessava, a falta de responsabilidade executiva do Estado, que por décadas descuidou dos direitos fundamentais do cidadão. Nomearam novos diretores com cursos relâmpagos de administração hospitalar, que agem igualzinho aos antigos, tentando equilibrar hospitais deficitários por falta de um correto financiamento.

Ficou a impressão de que os hospitais públicos são desvinculados das situações político-administrativas e devem funcionar com os mesmos objetivos e condutas das unidades privadas. Os hospitais públicos não podem se preocupar com o lucro de cada doença ou com o tempo que cada paciente leva internado para se curar. A proposta do governo federal, que deseja financiar a saúde como uma linha de produção industrial, através da AIH e da UCA, instrumentos de remuneração pela quantidade de atendimentos, é um absurdo em um país de doentes e famintos. Mas o sistema não pode continuar como está, *sem sangue, cérebro, vida, decadente e imobilizado*.

Os hospitais públicos estaduais entraram em colapso previsto e soluções paliativas vêm, se arrastando sem uma cirurgia eficaz pela Secretaria de Saúde. É importante que fique claro que temos hospitais federais, estaduais e municipais que só fazem uma medicina curativa e de alto custo. O desânimo das equipes é o mesmo dos estádios. Tem muito cacique para pouco índio, muito cartola para pouca bola. Os médicos do estado ganham menos do que os motoristas de ônibus do município e os copeiros da Câmara. Não se pode ficar jogando a culpa nas administrações anteriores, o que é hábito dos dirigentes

JORNAL DO BRASIL

Todos sabemos que após um ano de governo estaríamos atolados nas mesmas filas e nos mesmos problemas. É mais ou menos como a inflação que um tiro só não mata, a não ser que acerte na testa e bem no meio. Mas acertar a testa é difícil, e tem muita gente tentando desviar a arma, a bala, e o alvo está no meio de uma multidão. É necessária uma cirurgia que deve ter o corte preciso, a profundidade exata, sem esterilizá-la para avivar o torpor diário. Vira e mexe os jornais, como agora, rompem esta máquina de descomunicação instalada de sorrisos TV-lírios e pronunciáveis sibiloços, empastelados de uma realidade além da ficção, do reinado da mentira. Nós precisamos de bons administradores e de pessoas criativas, longe da mesmice e dos burocratas encravados na teia venenosa dos gabinetes. Precisamos de gente que procure a saída com raiva e com a intensidade da massa que grita gol.

É preciso recompor o estímulo e a glória de unidades que fizeram história na medicina, como o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas e tantos outros. Especialmente porque nestas unidades são atendidos os pacientes graves da Baixada e de toda a Zona Norte. O governador pode retornar com o adicional de lotação prioritária que premia os que trabalham nas unidades periféricas e nos fins de semana, que existia em seu primeiro governo, e criar mecanismos para remunerar a dedicação exclusiva e o tempo integral.

Grandes mestres abandonaram as unidades por culpa dos salários irrisórios, das péssimas condições de trabalho e das possíveis mudanças na lei de aposentadorias. Nós precisamos deles ensinando os novos médicos que saem crus da faculdade. O médico, como o policial, o bombeiro, o juiz e o promotor, deve ser estimulado a prestar serviço ao Estado e ao povo, com amor e dedicação. Modernidade é termos menos servidores na máquina administrativa, com clara vocação para o serviço público e remunerados condignamente.